A relação entre autoria do texto bíblico e seu significado no horizonte exegético histórico-crítico

Mateus Chalegre Souza[1]

Resumo

O presente trabalho aborda a relação entre a autoria do texto bíblico e seu significado no âmbito específico da(s) metodologia(s) exegética(s) histórico-crítica(s) a partir de uma metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa. Assume-se que o texto bíblico é de autoria humana, mas também divina, através da inspiração; que o significado do texto bíblico deve estar ancorado no sentido pretendido pelos autores e que o método exegético histórico-crítico ancora o significado somente na dimensão humano da autoria do texto bíblico faltando-lhe considerar a dimensão divina, especialmente o contexto canônico, como obra do Autor divino.

Palavras-Chave: Autoria. Inspiração. Significado. Histórico-crítico.

INTRODUÇÃO

Buscando entender como a autoria do texto bíblico se relaciona com seu significado no ambiente exegético específico da crítica-histórica, analisamos cada uma das questões em separado, chegando à conclusão de que há um autor humano, mas também um Autor divino das Escrituras, o que é possível através do fenômeno da inspiração; de que o significado deve estar ancorado na intenção autoral, pois, não fosse assim, não haveria diálogo entre as Escrituras e a Vida, mas apenas um monólogo em que ecoa a voz do leitor; e, por fim, de que falta ao método exegético histórico-crítico, apesar de acertadamente afirmar o sentido do texto como proveniente do autor, considerar a dimensão divina da autoria do texto bíblico, o que, consequentemente, o levaria a uma consideração do contexto canônico, que hoje lhe falta.

[1] Graduando em teologia no curso bacharel livre em teologia no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB); graduando em teologia na Faculdade de Teologia Integrada (FATIN). *E-mail: mateuchalegre@gmail.com*.

1 A autoria do texto bíblico

É consenso que a Bíblia foi escrita por seres humanos. Entretanto, no campo teológico, a discussão no que se refere ao seu surgimento se aprofunda, pois, traz-se à baila a questão da participação divina no processo de composição, comumente chamada "inspiração".

Ryrie (2004, p. 75) nos lembrará que "não existe uniformidade no tocante ao significado de inspiração". Alinhar-nos-emos aqui com uma visão de inspiração mais "forte/participativa".

Nesse sentido, Erickson (2015, p. 207) diz-nos: "a inspiração aqui é um conceito que se aplica tanto ao autor quanto ao texto. No sentido básico, é o autor que é objeto da inspiração. No entanto, ao redigir o texto, a qualidade de inspiração é também transmitida a ele". É preciso ressaltar que isso não anula o indivíduo segundo o que afirma Strong (2003, p. 294): "o homem inspirado, sob influência divina, é consciente e livre organizador do pensamento e da expressão". E Lopes (2007, p. 25) fala, inclusive, de uma "intenção [dos autores] que sobrevive no que escreveram".

Entretanto, a autoria do texto bíblico tem também uma dimensão e intenção divinas justamente por causa da inspiração, conforme ressalta Vanhoozer (2016, p. 246) ao falar sobre "a autocomunicação de Deus nas Escrituras". Acrescenta ainda (VANHOOZER, 2016 p. 247) que "a inspiração diz respeito ao Espírito que fala nas Escrituras canônicas e por meio delas, coordenando as diversas vozes humanas de maneira que, juntas, deem expressão ao teodrama". De maneira que podemos falar de uma espécie de parceria autoral em que o texto tem tanto autor como um Autor, seguindo a identificação de Osborn (2009, p. 29): "autor = agente humano inspirado; Autor = Deus, que inspira o texto".

Sobre essa parceria, destaca Strong (2004 p. 80) que o Deus que se revelou presumivelmente também presidirá o processo de divulgação "até onde for necessário" para o cumprimento do seu propósito religioso. Assim, segundo ele (2004, p. 321), "a inspiração não garante inerrância em coisas não essenciais ao principal propósito da Escritura".

Portanto, tanto o ser humano quanto Deus podem ser considerados autor e Autor das Escrituras, respectivamente. Ambos, tendo intenção comunicativa,

participação na composição e dimensão perlocucionária realizam algo por meio do discurso (VANHOOZER, 2016, p. 84). Há, nas Escrituras, portanto, uma "autoria conjunta" que se dá através da inspiração.

2 Significado do texto bíblico

Neste trabalho, compreendemos que é o significado pretendido pelo autor do texto que deve ser buscado. Para isso aponta Schleiermacher (1999, p. 36) quando afirma que o interprete terá melhor resultado "em seus autores favoritos com os quais está mais familiarizado, assim como na vida nós atingimos melhor este resultado com os amigos mais próximos".

Grondin (2012, p. 25), sobre Schleiermacher, registra que "a Hermenêutica pode ser compreendida, então, como inversão da retórica". Essa abordagem está entre as vistas como "psicologizantes".

Não somos tão otimistas quanto às capacidades humanas de compreensão, mas acreditamos que Schleiermacher acertou ao escolher o autor como fonte do significado. Osborn (2009, p. 25) ressalta que "a definição tradicional da palavra [hermenêutica] é 'ciência que define os princípios ou métodos para a interpretação do significado dado por um autor específico'".

Temos também posições como a de Lopes (2007, p. 256) afirmando que "não há como haver sentido sem presença de autor". O que não parece correto, pois os leitores podem certamente "impor" ao texto um sentido (coisa que não raramente acontece).

Argumentamos, entretanto, que a natureza diretiva das Escrituras como roteiro a ser encenado pelos cristãos (ver "identidade-idem" e "identidade-ipse": VANHOOZER, 2016, p. 143) nos impulsiona à busca do sentido autoral pretendido. Se as Escrituras têm algo a nos ensinar, algo a nos dizer, não faz sentido submeter o texto às nossas imposições de significado. Se o fizermos, ouviremos tão somente o "eco" de nossa própria voz ou, como diz Osborn (2009, p. 615), "o texto desaparece e o leitor 'cria' significado".

Para evitarmos isso, Heidegger sugere, conforme Grondin (2012, p. 51), "um exercício de rigor e autocrítica". Dessa forma, tal qual Osborn (2009, p. 626),

alinhamo-nos com Vanhoozer sobre a existência de uma "responsabilidade ética de considerar o significado pretendido de um texto, especialmente se o texto em essência nos pede para fazer assim". Por fim, compreendemos que somente se o autor tiver voz no texto poderemos estabelecer um diálogo com a vida ao invés de um monólogo de fala e "eco".

Assim, Kaiser e Silva (2009, p. 37-39) afirmam que o significado é aquele pretendido pelo autor, do qual nos aproximaremos não tentando reproduzir com exatidão os mesmos pensamentos, mas, em termos de intenção, o que determinará os jogos de linguagem nos quais nos inseriremos para compreensão do texto e a forma como pensamos o texto a partir do contexto..

Ressaltamos ainda que o fim (*telos*) do significado não é alcançado com a descoberta do que se quis dizer, mas continua, até que se chegue à aplicação do texto à própria vida, pois, diz Egger (1994 p. 202), deve-se reconhecer "tal palavra como diretiva para interpretar e organizar a própria vida". Ele deve se tornar aquilo que Osborn (2009, p. 664) chama de "significação" como sendo aplicação do "significado a diferentes situações e necessidades", ou seja, é dinâmico, permeia a vida!

3 A metodologia histórico-crítica

Bray (2017 p. 225) afirma que "a crítica histórica da Bíblia surgiu na chamada 'Idade da Razão', que pode ser datada entre o fim da Guerra dos Trinta Anos (1648) e a erupção da Revolução Francesa (1789)". Complementarmente, Lima (2014, p. 60) afirma que: "a exegese, entendida como trabalho histórico-crítico deveria ser concebida como disciplina totalmente independente da doutrina da fé".

Lima (2014 p. 53-54) localiza essa metodologia no contexto dos métodos diacrônicos e destaca (LIMA, 2014, p. 76) que seu objetivo é "explicar o texto considerando sua forma final com todos os seus elementos e tendo em vista compreender a mensagem que o autor pretendeu comunicar.".

Assim, tais características e propósito podem ser vistos na aplicação dos diversos métodos ou diversas etapas metodológicas, conforme Lima sugere (2014, p. 57), presentes no horizonte exegético histórico-crítico.

3.1 Crítica Literária

Simian-Yofre (2000, p. 78) e Lima (2014 p. 86) apresentam a Crítica Literária (ou da constituição de um texto) como tendo o intuito principal de delimitação do texto, investigação da unidade e de possíveis intervenções redacionais. Simian-Yofre (2000 p. 79) ainda diz que "o leitor poderá sempre cortar o texto onde lhe aprouver, e deixar de fora dele o que não lhe agradar. Nessa altura, porém, o texto já não é meio de comunicação entre emissor e destinatário, mas mera realidade física (...) à qual se atribui um sentido". Assim, parece voltar-se à investigação de intervenções redacionais, além de buscar o sentido a partir do todo da mensagem transmitida pelo(s) autor(es) na pequena unidade textual. Aqui, entende-se que discernir "começo e fim" tem graves implicações para o significado.

3.2 Crítica da Forma

A crítica da forma analisa minuciosamente o texto. Lima (2014, p. 108) afirma que seu objetivo é desvendar como o texto está organizado, ou seja, descrever sua estrutura, chegando, inclusive, a destacar a articulação entre pontos principais e secundários e com que objetivo o texto foi escrito. Assim, ela busca entender o sentido das palavras usadas pelo autor, os jogos sonoros que ele estabeleceu, as ênfases que escolheu e outras minúcias que contribuam para discernir sua intenção.

3.3 Crítica do Gênero Literário

Sobre a Crítica do Gênero Literário, Simian-Yofre (2000, p. 103) afirma que "a determinação da situação sociocultural de um gênero literário apoia-se em acurada crítica da forma em diversos textos, com particular atenção a seu ambiente literário, e em conhecimento suficiente do universo do texto". Ela ajuda, conforme vemos em Lima (2014, p. 104), a compreender o sentido, a dimensão, a função e finalidade do texto. Por fim, após identificação do tipo de texto busca-se a situação vivencial em que surgiu (LIMA, 2014 p. 76). A identificação do gênero literário constitui-se poderoso instrumento para nos adequarmos aos jogos de linguagem propostos pelo autor e a determinação do seu ambiente nos ajuda a compreendermos melhor o que quis dizer.

3.4 Crítica da Redação

Lima (2014, p. 57) afirma que a crítica da redação antagoniza à perspectiva de um autor sem grande relevância. E Bray (2017 p. 411), que "essa nova abordagem inevitavelmente concentrou bastante atenção nas perspectivas teológicas dos redatores". Assim, ela intenta determinar a época do texto e das intervenções redacionais, entender as características teológicas, culturais, motivo e finalidade das intervenções (Lima, 2014 p. 76). Concentra-se, portanto, na forma como autores viam o mundo e como modelaram o material que receberam, tentando analisar a partir disso as intenções do autor, podendo até supor quem (social e temporalmente) foram.

3.5 A Crítica da Tradição

A crítica da tradição ajuda a compreender melhor o texto (especialmente do NT) à medida que esclarece as tradições por trás do texto que ampliam a compreensão para além do sentido imediato das palavras (LIMA, 2014 p. 144-145). Assim, Simian-Yofre (2000 p. 107) diz que seu objetivo consiste em "entender o fundo cultural e histórico em que se desenvolveu o pensamento de um autor". Dessa forma, busca-se um alinhamento com a visão do autor, de tal modo que possamos compreender mais claramente o que foi dito.

Considerações finais

Tendo entendido incialmente que a autoria do texto bíblico não é somente humana, mas também divina, observamos que no uso do(s) método(s) histórico-crítico(s), pouca atenção se dá à dimensão divina da autoria.

Assim, focando apenas no autor, esquece-se a possibilidade de um sentido pretendido pelo Autor (distinção autor/Autor feita acima) com relação a alguns textos. Podendo Ele próprio (Deus) revelar através de outros autores humanos qual seria o sentido presente, mas ainda oculto, o qual não anula o sentido pretendido pelo autor (ser humano inspirado), mas pode ultrapassá-lo, conforme argumentamos que acontece, por exemplo, com o uso de Oséias 11.1 em Mateus 2.15, quando o texto anteriormente aplicado a Israel é tido como referindo-se a Jesus. Este, certamente,

era um significado pretendido por Deus, mas dificilmente pretendido pelo autor do texto de Oséias. Portanto, era presente, mas ainda não revelado.

Assim, faz-se necessário insistir não no abandono da metodologia histórico-crítica, mas sim em alguma forma de interação eficaz com outras metodologias ou mesmo desenvolvimento de uma nova etapa que leve em consideração o contexto canônico, buscando na obra ampla do Autor, o significado por Ele pretendido e dando conta (ao menos em certo sentido) das interpretações do Antigo Testamento presentes no Novo Testamento.

Referências

BRAY, Gerald. *História da interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KAISER, Walter C; SILVA, Moisés. *Introdução à Hermenêutica Bíblica*: Como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

LIMA, Maria L. C. *Exegese Bíblica: teoria e prática.* São Paulo: Paulinas, 2014.

LOPES, Augustus N. *A Bíblia e Seus Intérpretes*: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

OSBORN, Grant R. *A Espiral Hermenêutica*: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RYRIE, Charles C. *Teologia Básica*: ao alcance de todos. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SIMIAN-YOFRE, Horácio. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003.

VANHOOZER, Kevin J. *Drama da Doutrina*: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã. São Paulo: Vida Nova, 2016.